

A RODA DE CONVERSA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: (RE) PENSANDO O CURRÍCULO DE UMA ESCOLA DA INFÂNCIA

Andréa Gonçalves da Silva¹

As palavras são tecidas a partir de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É, portanto, claro que a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma...

Mikhail Bakhtin

As Rodas² de Conversa como um dispositivo epistêmico e curricular na UMEIRAC³

A Roda como um espaço de diálogo e conversa é um costume muito antigo entre as pessoas, entre os diferentes grupos humanos. Sua composição proporciona algo que só é possível por ser esta como é. Ela remete a uma linguagem que fala mais que as palavras: o olho no olho! Na história da humanidade, a Roda é um dispositivo usado em diferentes contextos, tais como o sentar-se em Roda ao redor de uma fogueira para contar “causos”, ou o brincar em roda com as cantigas. Indo mais distante, posso ainda falar das arenas, em que as pessoas se aglomeravam em roda para assistir aos “espetáculos”. Enfim, a Roda em si não é nenhuma descoberta inovadora, a forma e as intencionalidades ao realizá-la é que podem variar.

No decorrer dessa escrita recorro a diferentes termos para caracterizar a Roda de conversa, mas os sentidos em que são empregados permeiam contextos e práticas próprias. Ao utilizar os termos espaço/local de diálogo o faço no o sentido de que toda enunciação é um diálogo, faz parte de um processo de comunicação ininterrupto (BAKHTIN, In: JOBIM E SOUZA, 1994, p. 99). Quando faço referência a Roda como dispositivo ou ferramenta pedagógica é devido ao fato desta ser utilizada no processo de construção do conhecimento no contexto escolar. Dentre as distintas nomenclaturas aqui utilizadas, destaco que seu significado se aplica não apenas a Roda enquanto forma e/ou disposição das crianças em círculo, mas principalmente e fundamentalmente a função desta no processo de construção de conhecimentos e organização do pensamento.

Refletindo sobre sua forma circular me vem à ideia de algo que não tem começo nem fim; não se sabe onde ou com quem se iniciou ou terminará. Na Roda somos iguais em nossas diferenças e diferentes em nossas semelhanças. Warschauer descreve uma característica do estar em Roda como:

[...] reunir indivíduos com histórias de vida diferentes e maneiras próprias de pensar e sentir, de modo que os diálogos, nascidos desse encontro, não obedecem a uma mesma lógica. São, as vezes, atravessados pelos diferentes significados que um tema desperta em cada participante. Este momento significa estar ainda na periferia de um espiral onde as diferenças individuais e as subjetividades excedem as aproximações. A constância dos encontros

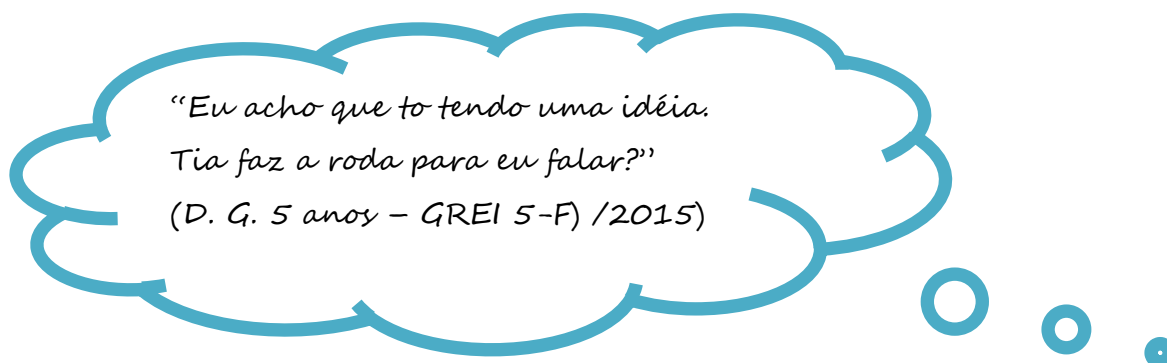
¹ UERJ/FFP. E-mail: goncalves.silva2006@ig.com.br.

² A escrita dos termos Roda e Registro com inicial maiúscula remetem a referência de especificidade destes no contexto aqui discutido. Não se trata de qualquer roda, mas da Roda de Conversa e de uma forma peculiar de registro.

³ Unidade Municipal de Educação Infantil Rosalina de Araújo Costa.

propicia um maior entrelaçamento dos significados individuais, a interação aumenta criam-se significados comuns, às vezes até uma linguagem própria. (WARSCHAUER, 1993, p. 46)

A Roda que desenho neste artigo é tida como um dispositivo usado com crianças pequenas, numa relação dialógica em que a linguagem surge naturalmente, em formas distintas e peculiares a contextos diversos. A concepção da Roda como ferramenta e local do diálogo, das discussões, deliberações e descobertas é percebido de forma clara ao ouvir colocações como a de D. G.



Quando Davi fez esse pedido, tal como outras crianças o faziam também diariamente, eu me perguntava: porque ele não fala o que está querendo, sem que esteja na Roda?

Aos poucos fui percebendo o quanto aquelas crianças já haviam assimilado nossa Roda, como um espaço de liberdade, de criação, de expressão, de discussão... um lugar em que todos seriam ouvidos mesmo que fosse para discordar.

As Rodas a que me refiro, aqui, fazem parte do cotidiano da UMEI Rosalina de Araújo Costa, escola na qual atuo como professora da infância há quase cinco anos. Nesse tempo escolhi trabalhar com os grupos de GREIS-5, constituído por crianças de 5 anos de idade. Tais grupos variam entre 18 e 20 crianças composto por meninos e meninas.

A disposição de todos em círculo, sentados lado a lado, no chão em tapetes, na varanda da casinha ou no gramado dos parques, propicia o encontro com o outro, com o olhar de quem fala ou ouve. Acredito que a experiência de ser ouvido impacta ainda mais do que o falar em si. Isto implica em sentir-se participante ativo no processo.

Ao longo de meu processo educativo, não me recordo de ter vivenciado a experiência da Roda de conversa no sentido a ela atribuído por Cecília Warschauer (1993), em seu livro *A Roda e o Registro*, no qual ela define a Roda “como uma reunião de indivíduos com histórias e vivências distintas para dialogar cada um atravessado por maneiras peculiares de pensar, sentir e se expressar”. É interessante como essa expressão nem sempre se dá por meio da oralidade. Diferentes formas de linguagens surgem nessas Rodas e isso possibilita sentidos múltiplos para um mesmo enunciado. Isso pode ser facilmente percebido durante cada registro de textos coletivos e diálogos a partir do que foi vivenciado na Roda. É interessante como o texto da criança nos impacta e desafia. Jobim e Souza (1994, p. 120), afirma que o texto da criança coloca-nos frente a frente com o mundo tal qual idealizado e construído por nós[...] e ainda acrescenta que escutar a criança é uma oportunidade de retornarmos, a partir do ângulo dela, um olhar crítico sobre o mal-estar da nossa cultura.

Warschauer (1993) denomina a Roda como uma construção própria de cada grupo, com características e ampliações comuns, eu acrescentaria que também é uma construção peculiar a cada indivíduo. A experiência se dá de formas diferenciadas em cada contexto, grupo ou

criança. Lidar com os imprevistos do cotidiano não é tarefa muito fácil para nós, professoras. A forma que encontrei foi fazer deles um fio condutor a outros fios, capazes de ligar e entrelaçar conhecimentos diversos.

E por falar em fios... acabo me lembrando de uma personagem que usou muito bem o fio da palavra para manter conectado a este alguém que parecia não se ligar a mais nada. Refiro-me a Sherazade, a heroína das 1001 noites, que tecendo as palavras com muita habilidade em suas narrativas não só livrou-se da morte, como fez pulsar novamente o gélido coração do sultão descreditado no amor (TAVARES, 2005). A meu ver, o poder da palavra excede sua mera pronúncia e seu alcance ultrapassa qualquer limite ao se encontrar com o outro que, ao entrar nessa teia comunicativa, prende-se, encanta-se e tece junto.

A arte de tear seja com palavras, com olhares atenciosos, com ouvidos sensíveis é um atributo necessário a professora que vê o processo educativo além de meros conteúdos. Esse envolver o outro, até que ele se apaixone pelo processo ao ponto de não querer mais afastar-se deste, por tê-lo como seu também é, ou precisa ser, foco principal da Roda de conversa. Neste aspecto é fundamental o escutar que Madalena Freire define, de forma muito peculiar, como: "(...) receber pontos de vista do outro diferente ou igual ao nosso, abrir-se ao entendimento". "abrir-se ao entendimento "abrange estar com disponibilidade para romper paradigmas, considerar outros saberes além do que traz e ampliar conceitos do novo, do diferente e/ou do inesperado.

Além de ampliar a capacidade comunicativa, as possibilidades de socialização, a produção de cultura, na Roda de conversas alguns paradigmas também podem ser modificados. É comum, após a finalização de trabalhos, as crianças pedirem para apresentá-los aos amigos na roda. Além de vencer a timidez em público, os pequenos explicam o processo de feitura e recebem críticas e elogios dos colegas. É claro que não é um fator recorrente a todos, pois em alguns casos isso ainda é algo quase impossível, até mesmo para os adultos. Mas ao ver os colegas fazendo tão naturalmente suas apresentações, os demais acabam por apropriar-se também desse fazer e quando a roda não é feita para esse fim, a cobrança vem... *Tia Andréa, hoje nem deu tempo de eu apresentar a história do meu desenho pros colegas na roda!! (P. H.- 5 anos- 2015 - GREI 5-F)*

As ideias vão-se no ar? Como registrá-las sem dominar o processo convencional de escrita?

Desenrolando um pouco mais esse fio e aumentando nosso tecido, convido a você leitor(a) a tecer um pouco mais esse pensar. Nas rodas de conversa além do diálogo sobre assuntos diversos, produzimos conhecimentos interdisciplinares que é claro, não podem ficar ali na roda. Como guardar as palavras que vão-se no ar? Como compartilhá-las com outros grupos?

Segundo Warschauer (1993, p. 61) "Registrar é deixar marcas. Marcas que retratam uma história vivida." Quando as crianças viam meu caderno e caneta sempre a postos na roda, de início apenas olhavam quando escrevia algo nele. Com o passar do tempo eles começaram a entender que o que eu escrevia ali tinha relação com o que acontecia na roda. Uns mais curiosos logo perguntavam o que eu tanto desenhava em meu caderno e eu respondia que desenhava letras para guardar o que eles falavam na roda. Aos poucos eles foram se apropriando desse processo e surgiam colocações como a de K. M.:

Tia Andréa, você não vai escrever o que eu disse aí no seu caderno não? Depois você vai esquecer!

K. M. -5 anos- GREI 5-F/ 2015

Neste momento fica bem clara a apropriação do instrumento de registro pelas crianças, que não pára por aí. Passei a aproveitar esses momentos pra explicar o que eles já haviam assimilado no dia a dia das Rodas: as letras servem pra botar no papel aquilo que pensamos, para que outros possam conhecer também nossas ideias e pensamentos. E foi vivenciando essa experiência com o registro tanto meu como uma espécie de diário de campo, como deles que o faziam com desenhos e textos individuais ou coletivos dos quais eu me tornava um tipo de escriba. O texto abaixo ilustra essa compreensão da funcionalidade das letras em nosso cotidiano.

“As letras funcionam!”

Essa foi à expressão das crianças do GREI 5-F, ao constatarem que a estante de livros estava arrumada. Foi mais ou menos assim...

Logo no início do ano letivo, pegamos os livros e revistas do ano anterior e organizamos em uma estante com rodinhas e três prateleiras que havia na sala rosa. Não fizemos separação por gênero, qualidade, ou assunto, simplesmente esperamos que as crianças demonstrassem curiosidade pelo material.

E isso logo aconteceu! O interessante é que o que mais chamou a atenção deles foram as revistas Ciências Hoje e uma coleção sobre invenções. Ao aproximar-se a hora da saída, sugeri que guardassem os livros de volta na estante. E assim foi, começaram a comparar os diferentes tamanhos e texturas numa divertida brincadeira improvisada pelo grupo. À medida que separavam os livros, sentiram a necessidade de criar regras para tal organização. O debate foi acirrado! Aconteceu um borbulhar de ideias e argumentos até que, finalmente, chegaram a um consenso sobre a organização da estante. “Agora, nosso trabalho deixou tudo bonito” “Ficou mais fácil achar a revista!”.

No dia seguinte, logo que chegaram, fizeram uma roda bem próxima a estante e começaram a questionar porque estava tudo misturado. Ficaram indignados e logo fizeram um recado agressivo para os colegas do primeiro turno. Conversei com eles que podemos usar as palavras de outra forma, sem agredir, e comunicando o que queremos. Acrescentei que talvez eles tivessem organizado ao seu modo por não termos explicado a nossa forma de organização das prateleiras. Amarrei as falas das crianças, que a essa hora fervilhavam e pedi sugestões para resolver o problema. Uma menina sugeriu placas como as de trânsito.

Eles classificaram os livros assim: livros de capa mole, livros de capa dura e revistas. Uns escreveram as placas, outros cobriram e outros colocaram nas prateleiras. Depois, observaram todo o trabalho e deram o problema por solucionado.

Ao chegarmos no dia seguinte, eles correram para observar a estante e a fala de Pedro e Maria Eduarda foi marcante: - As placas funcionam! Eles viram as palavras e não bagunçaram!

Foi maravilhoso ouvir isso! Mais importante que memorizar as letras é entender para que servem e seus diferentes usos.”
(GONÇALVES, Entretextos-2015)

Tanto a roda de conversa como os registros feitos por mim para registrar minhas vivências ou as produções das crianças, são dispositivos utilizados em um contexto específico, mas não fechados em si. Parafraseando Warschauer, afirmo ser de suma importância nossa postura, atitude e reflexão diante dos conhecimentos e dos outros.

Portanto, a roda e o registro representaram os eixos tanto das pesquisas e estudos junto às crianças, quanto deste livro. Esta “coincidência” leva-me a concluir a relevância e o potencial que estes dois “instrumentos” têm na construção dos conhecimentos. Porém, isto não quer dizer que sejam fins em si, nem que devam ser “institucionalizados” nas escolas, pois isso poderia prejudicar sua vitalidade e restringir a variabilidade de formas que podem assumir. A roda e o registro são apenas meios possíveis. Muito mais importante é a postura, ou a atitude diante dos conhecimentos e do outro. (Individual ou coletivo). (WARSCHAUER, 1993, p. 222).

Neste tecido de muitos fios, mexidos e remexidos a muitas mãos, muitas Rodas foram discutidas e sabendo que esse tecer traz em si o estado de inacabado, quero pausá-lo com um símbolo, inspirado na ideia final do livro de Warschauer que muito bem o traduz ao dizer que: *“Fica aqui a imagem da espiral que, completando mais uma volta, sugere sua continuidade. Das avaliações nascem os planejamentos e o processo prossegue indefinidamente”*. (WARSCHAUER, 1993, p. 226).



Referências

BARBIER, René. A escuta sensível em educação. **Revista da Anped**, Caxambu, 1992.

_____. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. São Paulo: Editora 34, 2009.

CAMPOS, Maria Malta. Por que é importante ouvir a criança? A participação das crianças pequenas na pesquisa científica. In: CRUZ, Silvia Helena V. **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas**. São Paulo: Cortez, 2008.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

COLINVAUX, Dominique. Crianças na escola: histórias de adultos. In: LOPES, Jader J. M; MELLO, M. B. de. (Org.). **“O jeito de que nós crianças pensamos sobre certas coisas”**: dialogando com lógicas infantis. Rio de Janeiro: Rovel, 2009.

JOBIM E SOUZA, Solange. **Infância e linguagem**: Bakhtin, Vigotsky e Benjamin. Campinas, SP: Papyrus, 1994. (Coleção Magistério: formação e trabalho pedagógico).

LEITE, Maria Isabel. Espaços de narrativa: onde o eu e o outro marcam encontro. In: CRUZ, Silvia Helena V. **A criança fala**: a escuta de crianças em pesquisas. São Paulo: Cortez, 2008.

MELLO, Marisol Barenco de. Lógicas infantis: é a criança um outro? In: LOPES, Jader J. M; MELLO, M. B. de. (Org.). **“O jeito de que nós crianças pensamos sobre certas coisas”**: dialogando com lógicas infantis. Rio de Janeiro: Rovel, 2009.

MELUCCI, Alberto. **Por uma Sociologia Reflexiva**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

TAVARES, Maria Tereza Goudard. Entre o bilro e a caneta. In: GARCIA, Regina Leite. SERRALHEIRO, José Paulo. **Afinal onde está a Escola?** Profedições, 1 ed., 2005.

TAVARES, Maria Tereza G. Os “pequenos”, a escola da infância e o direito à cidade. In: LOPES, Jader J. M; MELLO, M. B. de. (Org.). **“O jeito de que nós crianças pensamos sobre certas coisas”**: dialogando com lógicas infantis. Rio de Janeiro: Rovel, 2009.

VYGOTSKY, Lev S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

WARSCHAUER, Cecília. **A Roda e o registro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.